

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ**

HELEN ALINE MOIK

**MEDIDAS DE PREVENÇÃO DO HPV ADOTADAS POR ADOLESCENTES DO
SEXO FEMININO**

**Rio do Sul
2020**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ**

HELEN ALINE MOIK

**MEDIDAS DE PREVENÇÃO DO HPV ADOTADAS POR ADOLESCENTES DO
SEXO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Enfermagem da área de Ciências Biológicas, Médicas e da Saúde, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, a ser apresentado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Prof. Orientador: MSc. Murilo Pedroso Alves

**Rio do Sul
2020**

HELEN ALINE MOIK

**MEDIDAS DE PREVENÇÃO DO HPV ADOTADAS POR ADOLESCENTES DO
SEXO FEMININO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Enfermagem da Área de Ciências
Biológicas Médica e da Saúde do Centro
Universitário para o Desenvolvimento do Alto
Vale do Itajaí, a ser apreciado pela Banca
Examinadora, formado por:

Orientador: Prof^o Mestre Murilo Pedroso Alves

Banca examinadora:

Prof^a Dra. Josie Budag Matsuda

Prof^a Ma. Rosimeri Geremias Farias

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Trino Deus, em qual eu confio plenamente e pelas suas preciosas bênçãos destinadas, conduzindo-me com força, fé e coragem nos momentos mais difíceis.

Agradeço a minha mãe Elzira e meu pai Harri pelo carinho, pelas noites que passaram acordados em meu favor, pelos dias que sofreram quando eu sofria, por chorarem comigo. Agradeço-lhes eternamente por me cuidarem com um amor sem fim, um amor que não pode ser descrito, apenas sentido.

A minha irmã Vanessa e ao meu cunhado Dematé por toda paciência que tiveram comigo, amor, coragem e incentivo nesses anos de luta.

Gratidão a UNIDAVI, pois conheci pessoas excepcionais, aos colaboradores que nos propiciaram um ambiente agradável e aconchegante de se frequentar. Aos grandes professores e mestres, que, com sua determinação conseguiram êxito em seus objetivos. Sentirei saudades, mas guardarei nas lembranças esses anos de dedicação em meu favor, muito obrigada.

E por fim, a gratidão eterna aos amigos que fiz ao longo dessa jornada. Obrigada pelas nossas risadas e pelo apoio. Obrigada por me suportarem quando nem eu mesma mais me suportava, amigos são mensageiros de uma graça divina.

“Ao expressarmos nossa gratidão, nunca devemos nos esquecer de que a melhor maneira de demonstrá-la não é dizer determinadas palavras, mas viver de acordo com elas.”

(John F. Kennedy).

RESUMO

O presente trabalho visa elucidar o tema sobre o papilomavírus humano (HPV), que se não diagnosticado precocemente, pode ou tende a evoluir para o câncer do colo do útero. Estudado desde o começo do século XX, já foram descobertas mais de 100 cepas do HPV. No período da adolescência os índices de contaminação são maiores, uma vez que a infecção sexualmente transmissível (IST) nessa fase da vida possui maior probabilidade. As formas de transmissão ocorrem, em sua maioria, pelo contato sexual. Pela forma clínica é possível diagnosticar-se o HPV, sendo o exame Papanicolau muito utilizado para detecção da doença. Hoje já existe vacina para o HPV, a qual teve seu início no Brasil no ano de 2014, quando foi disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Para o tratamento do HPV podem ser utilizados cremes, cauterizações, laser ou congelamento das verrugas. No entanto, ainda que haja tratamento, a prevenção do HPV ainda é a primeira escolha no que se refere a prevenção das consequências ocasionadas pelo vírus. Tem-se como objetivo evidenciar segundo a literatura as medidas utilizadas pelas adolescentes do sexo feminino na prevenção do HPV. Sobre a metodologia utilizada, trata-se de uma revisão Integrativa da literatura. Estudo desenvolvido com auxílio da ferramenta Periódicos CAPES, consultando as bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *PMC*, *Social*, *Sage Journals* e *Oxford Journals*, com artigos na íntegra publicados entre 2010 a 2020, dando maior credibilidade e confiabilidade ao tema apresentado. O resultado final consistiu-se primeiramente numa pré-análise e organização do material, partindo-se então para a exploração do material selecionado e, por fim, teve seu foco em tratar os resultados obtidos e interpretá-los com base na análise de conteúdo de Bardin. Com isso surgiram três categorias: adolescentes apresentam dúvidas acerca do HPV, reconhecendo a vacina como forma de prevenção e aspectos emocionais e culturais acerca da vacina do HPV. Teve-se como base para a discussão os resultados obtidos na pesquisa, o que demonstrou que a falta de informação pelo público adolescente em relação ao que é o HPV, as formas de transmissão e prevenção ainda é muito escassa, apresentando um déficit em relação a este assunto. Além dessa falta de informação quanto ao meio de prevenção, a vacina é um assunto muito pouco debatido, mesmo sendo importante e, efetivamente necessária para o controle e prevenção da doença. O enfermeiro (a) terá que saber lidar com os percalços que a vida trará, sendo o apoio social um fator determinante no que diz respeito a ajuda ao paciente. Para isso, acredita-se que o adolescente é capaz de realizar o autocuidado conforme descrito por Orem em sua teoria. Após a realização do estudo, notou-se que o HPV é uma doença pouco conhecida, apresentando um déficit considerável no público estudado. Sendo assim, acredita-se que seja necessário realizar campanhas e educação continuada, pois tal doença, se não tratada pode evoluir para cânceres. Por isso, deve-se antes de pensar em tratá-la, buscar ensinar e incentivar a população em relação as formas de prevenção.

Descritores: Papilomavírus humano; Prevenção de doenças; Adolescência.

ABSTRACT

The present work aims to elucidate the theme about human papillomavirus (HPV), which if not diagnosed early, can or tends to progress to cervical cancer. It's studied since the beginning of the 20th century, more than 100 strains that HPV have been discovered. During adolescence, contamination rates are higher, since sexually transmitted infections (STIs) at this stage of life are more likely. The forms of transmission occur, mostly through sexual contact. By the clinical form, it is possible to diagnose HPV, and the Pap test is widely used to detect the disease. Today there is already a vaccine for HPV, which started in Brazil in 2014, when it was made available by the Unified Health System (SUS). For the treatment of HPV, creams, cauterizations, laser or freezing of warts. However, even if there is treatment, HPV prevention is still the first choice when it comes to preventing the consequences caused by the virus. The objective is to evidence according to the literature, the practices used by female adolescents in the prevention of HPV. About the methodology used, it is an Integrative literature review. Study developed with the aid of the CAPES journals tool, consulting the Scopus, Web of Science, PMC, Social, Sage Journals and Oxford Journals databases, with full articles published between 2010 to 2020, giving greater credibility and reliability to the presented theme. The result was firstly a pre-analysis and organization of the material, starting with the exploration of the selected material and, finally, it focused on treating the results obtained and interpreting them based on the content analysis of Bardin. As a result, three categories emerged: adolescents have doubts about HPV, recognizing the vaccine as a form of prevention and emotional and cultural aspects about the HPV vaccine. The discussion was based in the results obtained in the research, which demonstrated that the lack of information by the adolescent public in relation to what HPV is the forms of transmission and prevention is still very scarce, presenting a deficit in relation to this subject. Beyond this lack of information as to the means of prevention, the vaccine is a subject that is little debated, even though it is important and effectively necessary for the control and prevention of the disease. The nurse will have to know how to deal with the problems that life will bring, with social support being a determining factor in terms of helping the patient. For this, it is believed that the adolescent is capable of performing self-care as described by Orem in his theory. After conducting the study, it was noted that HPV is a little known disease, with a considerable deficit in the studied audience. Therefor, it is believed that it is necessary to carry out campaigns and continuing education, as such a disease, if left untreated, can progress to cancers. For this reason, one should, before thinking about treating it, seek to teach and encourage the population in relation to forms of prevention.

Keywords: Human papillomavirus; Prevention of diseases; Adolescence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CAPES - Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DeCS - Descritores em Ciências da Saúde

DNA - Ácido desoxirribonucleico

ESF - Estratégia Saúde da Família

FDA - Food and Drug Administration

HIV - Vírus da imunodeficiência humana

HPV - Papilomavírus Humano

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IST - Infecção Sexualmente Transmissível

MS - Ministério da Saúde

PNI - Programa Nacional de Imunizações

SUS - Sistema Único de Saúde

UBS - Unidade Básica de Saúde

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Publicações disponíveis no período de 2010 a 2020.1.....	27
Quadro 02: Título e autores dos artigos utilizados no estudo.....	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Seleção dos artigos.....	29
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 ADOLESCÊNCIA.....	16
2.1.1 Vida Sexual na Adolescência.....	17
2.2 PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV)	18
2.2.1 Prevenção contra HPV.....	20
2.2.2 Vacina para o Papilomavírus Humano	21
2.2.3 Tratamento contra o HPV	22
2.3 ATRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO	23
2.4 TEORIA DO AUTOCUIDADO	24
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	26
3.1 DEFINIÇÃO DO TIPO DE ESTUDO	26
3.2 PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DE ARTIGOS.....	26
3.3 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE ARTIGOS	27
3.4 BUSCA NA LITERATURA	27
3.5 PRECEITOS ÉTICOS	29
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	30
5 RESULTADOS	33
5.1 ADOLESCENTES APRESENTAM DÚVIDAS ACERCA DO HPV	33
5.2 RECONHECENDO A VACINA COMO FORMA DE PREVENÇÃO.....	34
5.3 ASPECTOS EMOCIONAIS E CULTURAIS ACERCA DA VACINA DO HPV	35
6 DISCUSSÃO	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	50
ANEXOS	53

1 INTRODUÇÃO

A medicina tem evoluído muito nos últimos anos. Estudos foram e estão sendo realizados constantemente a fim de erradicar doenças, promover a cura de outras, e não importando a complexidade do problema, existem estudos e profissionais dedicados a contribuir para a melhoria de vida das pessoas.

Todo esforço tem sua recompensa, mesmo que uma doença não seja totalmente erradicada, o fato de existir meios de preveni-la ou trata-la, já pode-se considerar um avanço enorme, pois traz qualidade de vida ao paciente.

Um dos avanços no campo da saúde tratados no trabalho realizado é o Papilomavírus humano, mais especificamente sobre as medidas de prevenção do HPV em adolescentes. Por ser um tema muito abrangente, interessante e importante, esse assunto leva a perguntar: quais são as medidas adotadas pelas adolescentes para a prevenção do HPV?

Estudos sobre o Papilomavírus humano, comumente chamado de HPV, são citados desde muito tempo passado, inclusive há descrições desde a Grécia Antiga sobre comprometimento da pele por lesões verrucosas e papilomatosas, porém as pesquisas a respeito do papilomavírus teve seu início no começo do século XX (LETO et.al., 2011).

A importância em buscar cada vez mais conhecimento a respeito do HPV, remete-se ao fato de ser considerada a Infecção Sexualmente Transmissível (IST) com maior frequência no mundo, onde o aumento na incidência do câncer do colo do útero está associado a infecção por este vírus (OKAMOTO et. al., 2016).

Por ser o HPV transmitido por IST com uma grande frequência, o profissional de saúde possui um grande desafio quanto a orientar e dar suporte aos adolescentes de sua comunidade, pois nessa fase da vida estão mais propensos a pensar e agir ao próprio modo.

Em 1949 houve uma associação do vírus HPV em relação ao câncer do colo do útero, pois nesse ano, um patologista chamado George Papanicolau deu início ao exame mais utilizado no mundo para detecção da doença, chamado até hoje de exame Papanicolau (NAKAGAWA; SCHIRMER; BARBIERI, 2010).

É interessante também relatar que em todos os graus da neoplasia cervical, é encontrado o genoma do HPV, sendo que o câncer do colo do útero tem como causa primária a infecção por HPV (BEREK, 2016).

Estudos relatam que adolescentes com idades entre 15 e 19 anos são infectados pelo HPV, uma vez que é nessa fase da vida, durante a adolescência, que a IST possui uma taxa mais elevada e, além do HPV, podem ser infectadas por clamídia e gonococo (REIS, 2012).

Uma vez que os adolescentes estão propensos a serem infectados pelo HPV, a pesquisa realizada teve como objetivo evidenciar segundo a literatura as medidas adotadas pelas adolescentes do sexo feminino na prevenção do HPV.

Vale salientar que atualmente são conhecidos mais de 100 tipos e destes pelo menos 30 podem acometer os genitais. O HPV 16 e 18 são os mais comuns, estimando-se que pelo menos 100 milhões de mulheres podem ser portadoras de um dos dois tipos, verificando-se a prevalência superior do HPV em mulheres que possuem menos de 35 anos de idade, vindo a diminuir com o passar da idade (REIS, 2012).

Quanto ao meio de transmissão do HPV, ocorre via contato sexual, materno-fetal (vertical) e, em casos raros o contágio pode ocorrer de forma indireta (por objetos inanimados), chamado de fômites e, quanto ao diagnóstico do HPV, é realizado de forma clínica, pois se trata, do condiloma acuminado ou verruga genital, sendo estes geralmente causados pelos tipos 6 e 11. No entanto, caso não se tenha certeza do diagnóstico, é recomendada a biópsia das lesões (CAMARGOS, 2016).

No que se refere ao tratamento, seu objetivo principal baseia-se na retirada das verrugas genitais sintomáticas que reduz, mas não consegue erradicar totalmente a infectividade. Este tratamento também deve ser planejado previamente com a paciente pois pode necessitar de mais sessões terapêuticas, não apenas em uma. Os esquemas terapêuticos habitualmente mais usados compreendem a eletrocauterização, exérese cirúrgica, bisturi a frio, ácido tricloroacético, podofilina, entre outros (CAMARGOS, 2016).

Desde 2014 foi implantada no Brasil a vacina contra o HPV, ela é disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e tem como o público alvo meninas com idades entre 09 e 14 anos e, para os meninos de 11 a 14 anos. A vacina quadrivalente é tomada em duas doses e protege contra os tipos 6, 11, 16 e 18 do vírus, contribuindo também para diminuição na incidência e morte por outros tipos de cânceres (CRUZ et al., 2019)

Após um breve comentário a respeito do HPV, precisa-se também evidenciar o papel da enfermagem nesse contexto, uma vez que o (a) enfermeiro (a) atua em diversos campos da saúde, desde a assistência até a prevenção e promoção de saúde da sociedade. Essa presença constante acaba atuando nos três níveis de atuação da saúde (primário, secundário e terciário), no entanto, seu maior campo de atuação está focado na atenção primária, sendo, o país referência a outros países no que tange a atenção primária (MACHADO e SILVA, 2020).

Dessa forma, o (a) enfermeiro (a), desempenha cada vez mais um papel decisivo e de pró-atividade, uma vez que esse profissional terá uma ligação mais próxima com a sociedade e

com as famílias de sua localidade. Isso o levará a desenvolver novas maneiras de agir, lhe permitirá também desenvolver habilidades até então desconhecidas, com o intuito de estar ativamente destinado a desenvolver ações voltadas a promoção da saúde e principalmente para ações voltadas a prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), com uma atenção específica ao HPV.

Em 1994, foi criada a Estratégia Saúde da Família (ESF) pelo Ministério da Saúde, composta por médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde, entre outros, na intenção de compreender uma abordagem coletiva, e também inter e multiprofissional, com interesse focado na família e comunidade, sendo este o modelo de atenção primária à saúde no Brasil (STEIN-BACKES, 2014).

Assim, o papel do profissional da saúde, em especial o enfermeiro (a), além de se envolver em diversas atividades presentes em sua comunidade, estará mais propenso em desenvolver um laço afetivo com todos aqueles que desesperadamente anseiam por um auxílio. Esse sentimento de afeição pelo próximo será muito mais latente quanto à promoção da saúde, a prevenção de doenças e aos males que furtam a alegria do paciente, sendo este profissional, a esperança e alegria dos seus dias.

Neste sentido, salienta-se que uma das mais importantes ações de cuidado à saúde humana e em especial à prevenção do HPV, é sim a promoção da saúde e sobretudo a prevenção em adolescentes, considerando todas as evidências científicas aqui apresentadas.

A necessidade de compreender os conhecimentos sobre as medidas de prevenção do HPV é de extrema importância nos dias atuais, uma vez que o índice de mulheres que descobrem o câncer de colo de útero aumenta cada ano. Dados revelam que em nosso país, 20 entre cada 100 mil mulheres são acometidas por este câncer e, no mundo o número de mulheres infectadas por algum tipo de cepas do HPV chega a 291 milhões (OKAMOTO et.al., 2016).

A pesquisa realizada é de suma importância, apresentando relevância social, pois, muitas vezes a população não possui acesso a informações e as mídias acabam não contribuindo de forma efetiva, principalmente pela falta de conhecimento da população. Pesquisas relatam que os adolescentes possuem informações limitadas sobre o HPV, ainda que já ouviram falar, faltam-lhe informações detalhadas sobre transmissão e como se desenvolve as doenças associadas ao vírus do HPV, e também em relação ao tipo de prevenção das quais podem estar fazendo uso (COSTA e GOLDENBERG, 2013).

Além disso, a cultura pode interferir tanto no início da vida sexual, quanto no conhecimento acerca dos métodos contraceptivos que devem ser utilizados para prevenção do HPV e outras doenças associadas.

Sendo a prevenção um fator determinante, a vacina contra o HPV torna-se indispensável; de certo modo há ainda famílias que possuem dificuldade de acesso à UBS, afinal, muitas vezes as adolescentes acabam necessitando que algum adulto responsável que as conduza. Além disso, muitas famílias ainda não reconhecem a devida importância da vacinação para a prevenção do HPV, nesse sentido o (a) enfermeiro (a) buscará uma atuação efetiva e profissional, desenvolvendo suas atividades de forma coerente com as políticas, princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), principalmente em promover uma relação mais próxima com a comunidade e, juntos possibilitarem uma experiência com muitos desafios, mas também muitas conquistas (STEIN BACKES, 2014).

A pesquisa irá procurar relatar meios e medidas adotadas pelas adolescentes para que possam se prevenir, compreendendo a necessidade de realizar exames periódicos e fazer a vacinação. Além disso, trará como benefício destacar a importância da prevenção do HPV, visando à saúde das mulheres.

Portanto, espera-se despertar uma atenção especial para o tema apresentando, como forma de contribuir para um aumento e/ou melhor qualidade de vida para as mulheres. Ainda, espera-se que as conclusões deste estudo sejam úteis para destacar efetivamente os cuidados relacionados à prevenção do HPV e conseqüentemente de outras IST`s.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo traz informações detalhadas acerca do tema proposto, visando englobar assunto como: adolescência, vida sexual na adolescência, o que é o HPV, prevenção contra o HPV, vacina para o Papilomavírus Humano, tratamento contra o HPV, atribuição do enfermeiro e a teoria do autocuidado.

2.1 ADOLESCÊNCIA

O Brasil conta com uma população de mais de 190 milhões de habitantes, sendo destes 34.157.631 jovens entre 10 a 19 anos. Já o estado de Santa Catarina apresenta 6.248.436 de habitantes, sendo 1.064.969 jovens entre 10 a 19 anos. No ano de 2020 estima-se que 14,45% da população seja pertencente ao grupo de faixa etária de 10 a 19 anos (IBGE, 2020).

Portanto, devido a importante porcentagem, é possível levar em conta que esses jovens apresentam um gasto considerável para a saúde pública, haja vista que o SUS gasta por mês com cada brasileiro um valor em torno de R\$ 72,00 (SENADO FEDERAL, 2014).

É importante destacar ainda que existem inúmeras intercorrências comuns entres os adolescentes, podendo ser citados diagnósticos como doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, transtornos mentais e do comportamento, doenças do aparelho respiratório, doenças do aparelho geniturinário entre outras, o que acaba sendo muito amplo as doenças e intercorrências que podem acometer esses jovens. No entanto, neste sentido, vale destacar as doenças do aparelho geniturinário, em especial o HPV, que é uma das doenças mais comuns entre os jovens, principalmente por iniciarem a vida sexual cada vez mais cedo (ABREU et al., 2018).

Termos como “crescer até a maturidade”, “crescer”, “tornar-se maior” ou até mesmo “desenvolver-se”, podem ser definições da palavra adolescência que se originam da do verbo latim *adolescere*. Este é um momento que traz inúmeras mudanças nos fatores psicológicos e também fatores fisiológicos, os quais possuem um aumento dos hormônios desencadeando o aparecimento de características sexuais secundárias (SILVA et al., 2015).

A adolescência é um período de mudança entre a infância e a vida adulta; ela inicia-se aos 12 anos e termina aos 18 anos de idade e está relacionada ao desenvolvimento do ser humano e a qualidade de vida, além de mudanças e expectativas culturais da sociedade em que

vive, visando alcançar satisfação pessoal, competências sociais e comportamentos que promovam o seu desenvolvimento de forma natural e saudável (DESSEN e SENNA, 2015).

O período da adolescência é um fenômeno que pode ser marcado pelo rápido crescimento e desenvolvimento do corpo, da mente e das relações sociais do ser humano. Além disso, na adolescência há o crescimento físico, a maturação sexual, a capacidade da formação crítica e o autoconhecimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

É nessa fase que ocorrem transformações e transições tanto físicas, quanto emocionais e, nessa época ocorrem comportamentos diferenciados como experimentos da vida sexual, bebidas alcoólicas e drogas, além de mudanças no aprendizado e na visão sobre a sociedade, os valores e os modelos de gêneros, sendo uma fase de descobertas (GONÇALVES et al., 2015).

Portanto, na adolescência há uma dinâmica na qual afeta todas as suas transformações emocionais e também de visão futura, sendo as pessoas, o cotidiano, os significados culturais, as experiências sociais e pessoais e as oportunidades do futuro que aparecem nesse período da vida. Isso de fato acaba sensibilizando o adolescente em sua fase de transformação, afinal, a vida passa a tornar-se diferente, onde o processo de desenvolvimento pessoal acaba potencializando a capacidade de agir de forma criativa, influenciando em um pensamento inovador e crítico, buscando transformar o meio em que vive de maneira positiva (OLIVEIRA, 2017).

2.1.1 Vida Sexual na Adolescência

A sexualidade para os seres humanos apresenta-se como um fenômeno biopsicossocial, que influencia no modo de agir, pensar, compreender o mundo e viver nele. Ela está ligada aos comportamentos, sentimentos e desejos e é influenciada diretamente pela forma como a sociedade se organiza em determinado meio, visando às pessoas que dela fazem parte. Portanto, a sexualidade está ligada com o desenvolvimento do ser humano, com os conceitos de amor, os sentimentos, as emoções e intimidades que fazem parte do processo evolutivo (BRASIL, 2016).

Com isso, entende-se que o início da vida sexual dos seres humanos inicia-se, geralmente, no período da adolescência, sendo que os homens iniciam mais cedo que as mulheres. Tal fator pode ocorrer prejuízos à saúde desses adolescentes, pela falta de conhecimento e a não utilização de métodos contraceptivos (GONÇALVES et al., 2015).

O início da atividade sexual é um momento que marca a vida do adolescente, porque lhe proporciona adentrar numa nova fase de sua vida e com novas descobertas, porém, ao

mesmo tempo lhes coloca num grupo de maior vulnerabilidade de doenças sexualmente transmissíveis, além de trazer mais alguns problemas de ordem psicológica, socioeconômica e biológica, além de uma gravidez indesejada (SILVA et al., 2015).

Dados levantados, levando em consideração as últimas quatro décadas, revelam que houve um aumento entre os adolescentes do sexo masculino, que tiveram sua primeira relação sexual antes dos 15 anos, porém estes dados não sofreram aumento pelas adolescentes femininas. Uma análise mais profunda ainda sobre os estudos realizados, mostra que muitos adolescentes com idade de 12 anos ou até menos já tiveram uma relação sexual. O maior problema quanto a isso se deve pela atividade sexual desprotegida e o número grande de parceiros sexuais ao longo da vida, uma vez que pode acarretar numa gravidez indesejada e também a proliferação das IST's (OLIVEIRA-CAMPOS et al., 2013).

Outro fator que deve ser comentado é sobre os espaços preparados nas unidades de saúde para os jovens. Atualmente esse espaço não existe, ou quando existem, nem sempre há profissionais de saúde prontos para atender tal demanda do público em específico, e dessa forma acaba criando um distanciamento, não permitindo difundir conhecimento sobre o assunto e também uma troca de experiência, acabando assim por excluir a possibilidade de um assistencialismo pautado pelo acolhimento e diálogo (ALVES e BRANDAO, 2009).

Na adolescência os fatores cognitivo e emocional ainda estão em desenvolvimento, e nessa etapa da vida que são estabelecidos os padrões de saúde futuros. Além das alterações, psíquicas, comportamentais, físicas e sociais, as alterações no campo da atividade sexual e características sexuais são uma fase muito importante na vida do adolescente. Por ser uma fase em que em geral gozam de boa saúde, é difícil os adolescentes procurarem o serviço de saúde, porém, como ainda vivem com os pais e frequentam também o ambiente escolar, seriam locais onde poderiam haver uma orientação sobre saúde, especificamente sobre sexualidade e reprodução, sendo principalmente o ambiente escolar o mais privilegiado para que as equipes de saúde pudessem atuar (SASAKI et al., 2015).

2.2 PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV)

O Human Papiloma Virus, palavra advinda do Inglês, significa Papilomavírus Humano (HPV) designa-se a um conjunto de vírus capazes de contagiar as mucosas e pele dos humanos. Ele é conhecido também como condiloma acuminado, verruga genital e crista de galo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014; DALMACIO et al., 2019).

Devido ao HPV ser um vírus de Ácido desoxirribonucleico (DNA), ele induz lesões hiperplásicas, verrucosas, papilomatosas e lesões escamosas epiteliais em mucosas e locais da pele, assim como no trato anogenital, na uretra, nas mucosas traqueobronqueais e nasais, na laringe e também na cavidade oral. O vírus acomete mais mulheres entre a adolescência e a vida adulta, ocorrendo na maioria das vezes quando se inicia a vida sexual (SOUSA et al., 2018).

Pelo menos 40 tipos virais do HPV são classificados potenciais para infectar o trato genital, sendo que são divididos em dois grupos e, como forma de classificação usa-se como critério, o potencial oncogênico. No baixo risco (não oncogênico) classificam-se como infecções benignas e enquadram as verrugas genitais (condiloma acuminado) e lesões intraepiteliais, que surgem na vagina, no pênis, no escroto, na uretra, na vulva e no colo uterino e os tipos de HPV causadores são: 6,11,42,43 e 44, por exemplo. Já os de alto risco (oncogênico) são causadores dos carcinomas da vulva, do ânus, do colo uterino e raramente do pênis, sendo que nos de alto risco fazem parte os tipos de HPV 16 e 18, entre outros (CAMARGOS, 2016).

O HPV sendo uma das IST's mais frequentes no mundo pode ser classificado em genótipos de baixo risco e de alto risco. Os genótipos de baixo risco são: HPV-6, HPV-11, HPV-40, HPV-42, HPV-43, HPV-54, HPV-61, HPV-70, HPV-72, HPV-81 e HPV-108 que estão associados com as verrugas genitais; já os genótipos de alto risco oncogênico são: HPV-16, HPV-18, HPV-31, HPV-33, HPV-35, HPV-39, HPV-45, HPV-51, HPV-52 e HPV-53, HPV-56, HPV-58, HPV-59, HPV-68, HPV-73 e HPV-82 que estão associados com as lesões intraepiteliais e com o câncer (TEIXEIRA et al., 2016; FEBRASGO, 2017).

O HPV possui um período de incubação que varia de três semanas a dezoito meses, com uma média de onze a doze meses para o sexo masculino e cinco a seis meses para o sexo feminino. Portanto, acredita-se que cerca de 50% a 80% das mulheres ativas sexualmente poderão ser infectadas pelo vírus em algum momento da vida (BRÁS; PACHECO; SARDINHA, 2015).

Aproximadamente 70% da população adolescente será infectada pelo HPV de alto risco oncogênico, na qual a infecção pode durar de seis a doze meses, sendo que quando envolver os tipos de HPV-16 e HPV-18 poderão durar mais, com conseqüente risco de desenvolver lesões pré-invasoras e invasoras (TATTI et al., 2010).

Estudos realizados apontam que nos países subdesenvolvidos, e aqui podemos citar o continente africano e a América do Sul, há maior número de infecções pelo vírus HPV, enquadrando-se também nesses dados o Brasil, enquanto isso, no continente europeu e também

na Ásia Central, dados demonstra que prevalece um menor índice de contaminação pelo HPV (BARBIERI; NAKAGAWA; SCHIRMER, 2010).

No passado, acreditava-se que o câncer do colo do útero tinha seu início através da infecção causada pelo herpes-vírus, mas após pesquisas observou-se que a infecção causada pelo HPV é o responsável pelo desenvolvimento do câncer, tendo presumidamente que o herpes-vírus atue apenas como um cofator. Também, quanto ao desenvolvimento do câncer do colo do útero estão elencados alguns fatores de risco, tais como: raça, primeira relação sexual com idades abaixo de 16, enorme diversidade de parceiros sexuais, tabagismo entre outros (BEREK e NOVAK, 2016).

2.2.1 Prevenção contra HPV

Fala-se muito sobre prevenção do HPV, mas para tanto é necessário levar ao conhecimento da população, e esse seria um patamar mínimo, de que o HPV trata-se de um vírus com potencial cancerígeno, que sua transmissão principal é por contato sexual (relação), mas que pode ser evitado tomando os devidos cuidados (utilização de métodos protetivos) durante o ato sexual e, que pode ser evitado também pela utilização de vacinas e por meio de exame denominado Papanicolau (ABREU et al., 2018).

Portanto, o HPV é transmitido pelo contato direto de pele e mucosas infectadas, sendo transmitido na maioria das vezes através da relação sexual, mas podem acontecer por meio de mãos, objetos, roupas e toalhas contaminadas pelo vírus quando entra em contato com mucosas ou pele não íntegra (BRASIL, 2017).

Com isso, entende-se que a infecção pelo vírus pode ser prevenida com o uso correto de preservativos, seja ele masculino, seja feminino, em todas as relações sexuais; no entanto, é importante ressaltar que a camisinha não previne 100% à infecção pelo HPV, afinal as lesões normalmente estão presentes em áreas que o preservativo não cobre, como regiões como vulva, pubiana, perineal e bolsa escrotal (BRASIL, 2017).

Outro método eficaz para a prevenção contra o HPV é a realização do exame preventivo, conhecido como Papanicolau, que é utilizado para detectar lesões precursoras do câncer do colo de útero, identificando células anormais ao redor do colo. No entanto, esse exame não identifica o vírus do HPV, mas serve para detectar lesões de câncer do colo do útero (BRASIL, 2019). Além disso, vale destacar que ter números de parceiros reduzidos e realizar uma boa higiene pessoal pode contribuir na prevenção contra o HPV e reduzir seus riscos. Outro ponto

importante é realizar a vacinação contra o HPV em meninas de 9 a 14, mulheres entre 9 e 26 anos que são portadoras do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e meninos de 11 a 14 anos e homens de 9 a 26 anos de idade que são portadores de HIV/AIDS (FIOCRUZ, 2018; BRASIL, 2017).

2.2.2 Vacina para o Papilomavírus Humano

A vacinação e a escolha em tomá-la parece algo fácil de resolver, no entanto em muitas situações acaba se tornando um desafio para os adolescentes, afinal é nesse período da vida em que eles desempenham um papel importante e fundamental para sua vida e para sua saúde. Eles são influenciados por mídias digitais e, muitas vezes, possuem dificuldade em se comunicar com profissionais da saúde ou outras pessoas de convívio próximo sobre o assunto, influenciando negativamente em tomar a vacina. Embora ela esteja disponibilizada na rede pública brasileira, esses adolescentes, muitas vezes, apresentam o caderno de vacinação em branco ou em atraso, pois acabam não dando a devida significância e valor em tomá-la e isso, pode estar relacionado inclusive à falta de orientação ou simplesmente por não achar a vacinação necessária para sua saúde (VIEGAS et al., 2019).

A vacina para o HPV foi implementada no SUS pelo Ministério da Saúde (MS) através do Programa Nacional de Imunizações (PNI) no ano de 2014, sendo que ela foi adicionada ao Calendário Nacional de Vacinação na vacina quadrivalente. Essa vacina tem como objetivo prevenir o HPV e, conseqüentemente a evolução para o câncer do colo do útero (BRASIL, 2014).

É válido salientar que no ano de 2006 foi aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) a vacina bivalente, no entanto, sua disponibilidade ficou restrita apenas nas clínicas particulares. Já a vacina quadrivalente também teve sua aprovação no ano de 2006 pela ANVISA, mas foi disponibilizada apenas em 2014 pelo SUS. Ainda, em 2017 já foi aprovada a vacina nonavalente, no entanto, ainda não está disponível no Brasil pelo SUS. Lembrando que a vacinação bivalente só pode ser aplicada em meninas a partir de 9 anos e, havendo hipersensibilidade aos princípios ativos ou algum outro excipiente contido na vacina, há a contraindicação, desse modo, havendo na primeira dose a hipersensibilidade, todas as demais vacinas não serão mais indicadas (MOURA, 2019).

Por serem vacinas produzidas de partículas semelhantes ao vírus, e não o vírus propriamente, as mulheres que estão em fase de amamentação e também as pacientes que são

consideradas imunodeprimidas podem ser vacinadas. Uma orientação pela *Food and Drug Administration* (FDA), é que as vacinas bi e quadrivalente sejam aplicadas em três doses por via intramuscular, sempre respeitando os períodos entre as doses que são de quatro semanas entre a primeira dose e a segunda, doze semanas entre as aplicações da segunda dose para a terceira e, que entre a primeira dose e a última seja de pelo menos 24 semanas (ZARDO et al., 2014).

Ainda, o Ministério da Saúde, a partir do ano de 2016 adotou através do Programa Nacional de Imunização o esquema vacinal de duas doses para os adolescentes, respeitando o intervalo de seis meses entre uma dose e outra (FIOCRUZ, 2019).

Diante disso, menciona-se que existem atualmente no mercado brasileiro três tipos de vacinas para a prevenção do HPV, sendo a bivalente, a quadrivalente e a nonavalente, visto que a bivalente age contra o HPV-16 e HPV-18; já a quadrivalente age contra o HPV-6, HPV-11, HPV-16 e HPV-18 e, a nonavalente contra o HPV-6, HPV-11, HPV-16, HPV-18, HPV-31, HPV-33, HPV-45, HPV-52 e HPV-58. Elas são vacinas preparadas a partir de partículas semelhantes ao vírus e, são produzidas com uma tecnologia recombinante que são provenientes da proteína L1 do capsídeo viral dos tipos de HPV, capazes de gerar resposta imunológica (BRASIL, 2013; FEBRASGO, 2017).

Estudos remetem dados que, se houvesse uma vacinação completa e efetiva da população, poderiam ser reduzidos os casos de câncer cervical em 66,66%. Ainda, há uma suposição de que todas as vacinas para o HPV, além de prevenir o câncer cervical, podem prevenir outros tipos de cânceres que possuem uma relação com o HPV, podendo ter uma eficácia de moderada a alta. Aqui no Brasil, com o auxílio de programas nacionais realizados, efetiva-se uma boa cobertura vacinal, portanto, uma campanha realizada para vacinação do HPV oncogênicos destinados ao público alvo, terá um resultado eficiente (ZARDO et al., 2014).

2.2.3 Tratamento contra o HPV

A infecção pelo HPV em muitos casos consegue ser combatida pelo próprio sistema imune do paciente, principalmente quando acomete pessoas mais jovens e, com isso pode ocorrer à eliminação por completo do vírus do organismo e, conseqüentemente a cura. No entanto, caso o vírus não seja eliminado do organismo do paciente de forma voluntária, há a necessidade de acompanhamento médico para realizar o tratamento de forma adequada. Tal tratamento pode ser de formas variadas, como aplicação de cremes, laser, cauterização ou

congelamento das verrugas e, caso elas não desapareçam, pode ser realizada cirurgia para removê-las (BRASIL, 2017).

Salienta-se que, quanto os tipos de tratamentos realizados levarão em conta a preferência da paciente, efeitos adversos, experiência do profissional de saúde, disponibilidade de recursos e custos. Por isso, todo tratamento deverá sempre ser planejado antecipadamente com a paciente. Além disso, o tratamento escolhido leva em conta, a morfologia, a gravidez, o número e localização da lesão e o tamanho, sendo que nenhum dos tratamentos realizados pode ser considerado superior ao outro escolhido e nem de igual modo, eficiente para todos os pacientes (CAMARGOS et al., 2016).

2.3 ATRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO

O trabalho da Enfermagem se dá através de perspectivas de promoção, prevenção e recuperação da saúde e, neste caso a saúde não é apenas relacionada à ausência de doenças, mas também na qualidade de vida das pessoas (FELLI; KURCGANT; PEDUZZI, 2012).

O enfermeiro enquanto membro e líder de uma equipe de enfermagem e Equipe de uma Estratégia Saúde da Família (ESF) possui um papel muito importante para a prevenção do HPV e conseqüentemente do câncer. Ele é responsável por elaborar dinâmicas e atividades a fim de esclarecer dúvidas à população em relação a esse assunto; assim como realizar consultas de enfermagem e coleta de exame citopatológico, como o Papanicolau. Além disso, tem como função facilitar o acesso a essas mulheres e adolescentes ao serviço, visando diminuir os preconceitos e tabus que ainda existem, para que a população feminina possa dar a devida importância sobre a prevenção dessa infecção, buscando uma melhor qualidade de vida e bem-estar (COSTA et al., 2017).

Salienta-se ainda que, o enfermeiro, enquanto profissional da saúde, tem um papel muito importante para a atuação na Estratégia Saúde da Família (ESF), pois além da capacidade técnica e científica, ele é capaz de construir vínculo permanente com a comunidade na qual trabalha, podendo efetivar ações individuais e coletivas específicas, conforme as necessidades e demandas da população. Esse profissional lida com o processo saúde-doença e cuidado da pessoa, visando sua recuperação (CAÇADOR et al., 2015).

Portanto, com base no Decreto nº 94.406, de 8 de junho de 1987, o enfermeiro tem como função o gerenciamento de enfermagem, que é uma atividade que deve ser exercida exclusivamente e privativamente a ele; além de incumbir privativamente a ele a realização de

atividades como direção, organização, planejamento, coordenação, execução e avaliação do órgão e assistência de enfermagem; consultoria, auditoria e emissão de matérias de enfermagem; consulta e prescrição da assistência de enfermagem e cuidados de maior complexidade que exijam conhecimentos científicos. Além disso, o enfermeiro como integrante da equipe é responsável pela participação no planejamento, elaboração, execução das ações em saúde, visando à prevenção, promoção e reabilitação da saúde, prestando a assistência necessária de forma humanizada e individualizada para cada indivíduo (BRASIL, 1987).

Diante disso, cabe aos profissionais da saúde, em especial ao enfermeiro, atentar-se ao desenvolvimento de ações que visem à orientação da população, para reduzir o número de infecções através do contágio pelo HPV. Assim sendo, o enfermeiro deve realizar consultas de enfermagem de forma cuidadosa e objetiva, visando explicar a importância do tratamento caso necessário, informando ao paciente que deve estar atento aos riscos de progressão para o câncer (CARVALHO; GAMA; SILVA, 2018).

2.4 TEORIA DO AUTOCUIDADO

A teórica de enfermagem Dorothea Orem (1914-2007), enfermeira formada pela *Providence Hospital School of Nursing*, conquistou títulos e graus honorários. Conquistou em 1976 o título de Doutora em Ciências na *Georgetown University*, em 1980 Doutora em Ciências da *Incamat Word College* e em 1988 Doutora na *Humane Letters Llinois Westem University*. Foi uma mulher que ocupou cargos importantes como educadora de enfermagem, integrante de equipe hospitalar, administradora e consultora de enfermagem. Além disso, prestou serviços de assessora institucional do Conselho de Saúde do estado de Indiana, bem como participou como consultora para a Secretaria de Educação do Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar em um projeto cujo objetivo era melhorar o treinamento de enfermagem prática, o que a levou, em 1959 a publicar o conceito de enfermagem como autocuidado (BRAGA e SILVA, 2011; MCEWEN e WILLS, 2016).

Em relação a sua teoria, baseada no autocuidado, ela assegurava que todo indivíduo era capaz de cuidar de si mesmo, de maneira racional e voluntária (CINTRA e MOREIRA, 2012).

O autocuidado foi um conceito introduzido por Orem no ano de 1969, sendo considerada uma prática exercida pelos seres humanos, visando um comportamento baseado nas situações da vida e realidade de cada um, para regular os fatores que interferem o desenvolvimento do

indivíduo, para que haja benefícios na vida de cada um, além de qualidade, saúde e bem-estar (HERNÁNDEZ; LARREYNAGA; PACHECO, 2017).

Além disso, afirma-se que o autocuidado pode ser formado por elementos básicos, sendo eles: disposições e capacidades fundamentais, que consiste na capacidade básica do indivíduo em realizar e aprender atividades básicas e cotidianas; componentes de poder, que diz respeito a capacidade do ser humano em raciocinar, aprender e executar as atividades que lhes foram ensinadas; e operações de autocuidado, que significa que os indivíduos estão prontos para executar o autocuidado, através da tomada de decisões acerca das suas necessidades (BRAGA e SILVA, 2011).

Neste aspecto, destaca-se que a teoria do autocuidado está intimamente relacionada com a forma que o ser humano é capaz de cuidar de si mesmo, afinal, o autocuidado é uma função que as pessoas desempenham deliberadamente ou que alguém possa ensiná-las para que a executem, visando preservar a saúde, o bem-estar e a vida (QUEIRÓS et al., 2014).

Igualmente, acredita-se que essa teoria ainda possui alguns requisitos básicos no autocuidado do indivíduo, sendo requisitos universais, que dizem respeito ao processo da vida e manutenção da estrutura e funcionamento humano em todos os estágios e ciclos da vida; requisitos de autocuidado de desenvolvimento, que referem-se às situações ou eventos novos que acometem a vida do ser humano; e os requisitos de autocuidado no desvio da saúde, que dizem respeito às tomadas de decisões em relação a algum problema de saúde que acomete o indivíduo que busca a reabilitação e recuperação da saúde (BRAGA e SILVA, 2011).

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

3.1 DEFINIÇÃO DO TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, do tipo qualitativa. A revisão integrativa da literatura é um método que visa incorporar os conhecimentos e resultados de estudos; ela permite utilizar estudos experimentais e não-experimentais para compreender o que será analisado (SOUSA et al., 2017; SILVA; SOUZA; CARVALHO, 2010).

Portanto, a revisão integrativa da literatura tem como finalidade condensar os resultados de uma pesquisa acerca de um determinado tema, de forma ordenada e ampla. Ela oferece informações abrangentes sobre o tema pesquisado, fornecendo um conhecimento rico e amplo. Além disso, ela combina dados da literatura, tanto teórica quanto empírica, provendo e proporcionando a compreensão de um tema em específico (ALCOFORADO; ERCOLE; MELO, 2014).

Para a execução deste estudo, foi necessário seguir etapas que fazem parte da revisão integrativa da literatura, sendo elas: elaboração da pergunta norteadora, busca e coleta de dados na literatura, análise e interpretação dos dados obtidos e discussão e apresentação dos resultados encontrados (SILVA; SOUZA; CARVALHO, 2010).

Além disso, destaca-se que a teoria do autocuidado de Dorothea Orem serviu como plano de fundo para as discussões deste trabalho, buscando deixar claro a importância dos adolescentes em manterem o próprio cuidado de maneira racional, adequada e voluntária.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DE ARTIGOS

A primeira fase do estudo consiste na elaboração da pergunta norteadora, sendo ela: "Quais são as medidas adotadas pelas adolescentes para a prevenção do HPV?".

A partir dessa pergunta, ocorre a segunda fase do estudo que é caracterizada pela busca e coleta de dados na literatura que foi realizada por meio de consultas a publicações de artigos de autores de referência, nos Periódicos da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

As bases de dados que serviram para o estudo foram: *Scopus (Elsevier)*, *Science, Web of Science*, *PMC (PubMed Central)*, *Sage Journals (Sage Publications)* e *Oxford Journals*

(*Oxford University Press*), sendo utilizados a combinação dos descritores encontrados no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo eles *Human papillomavirus and Prevention of diseases and adolescence*.

3.3 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE ARTIGOS

Os critérios de inclusão para o estudo foram artigos científicos disponíveis na íntegra, livres, nos idiomas português, inglês e espanhol, dos últimos 10 anos (2010 a 2020.1).

Tal justificativa para determinação do período a ser estudado leva em consideração os avanços da medicina nos últimos anos, principalmente no desenvolvimento das vacinas para proteção do HPV, pois em março de 2014 houve a inclusão no calendário nacional de vacinação do SUS, a vacina quadrivalente que visa proferir uma proteção para os vírus do HPV 6, 11, 16 e 18 (SANTOS e DIAS, 2018), e as campanhas realizadas pelo governo federal, campanhas estas que tiveram seu início em 2014 (MANOEL et al., 2017).

Portanto, julga-se precocemente, mas conscientemente que, as literaturas desenvolvidas no período ora informado, sejam de grande relevância e que possuam em seu teor atuais estudos a respeito do HPV, com o intuito de informar, prevenir e promover sobre a qualidade de vida da população.

Foram excluídos todos os artigos com anos inferiores a 2010; além dos que não tratem de pesquisas originais e daqueles que não estiverem disponíveis na íntegra.

Adota-se um protocolo de seleção de artigos para revisão integrativa da literatura (ANEXO A).

Além disso, a coleta de dados que consiste na terceira fase foi realizada com a identificação de periódicos nas bases de dados referidas acima, com base em um instrumento de coleta de dados validado (ANEXO B).

3.4 BUSCA NA LITERATURA

BASE DE DADOS	DeCS Human papillomavirus AND Prevention of diseases AND adolescence	
	Sem filtro	Com filtro*
Scopus (Elsevier)	506	370

Web of Science	466	349
PMC (PubMed Central)	173	160
Sage Journals (Sage Publications)	50	40
Oxford Journals (Oxford University Press)	46	33
TOTAL	1.241	952

Quadro 01: Publicações disponíveis no período de 2010 a 2020.1

Fonte: Elaborado pela autora.

* Os critérios de inclusão para a seleção das publicações foram: artigos disponíveis na íntegra, intervalo de publicação de 2010 a 2020, nos idiomas inglês, português e espanhol.

A busca de dados no Portal CAPES Periódicos, apresentou 1.241 artigos usando os descritores: *Human papillomavirus; Prevention of diseases; adolescence conectado pelo elemento booleando AND*. No entanto, foram incluídos no estudo apenas: artigos disponíveis na íntegra, publicados no intervalo de publicação de 2010 a 2020, nos idiomas português, inglês e espanhol, indexados nas bases de *dados Scopus (Elsevier), Web of Science, PMC (PubMed Central), Sage Journals (Sage Publications), Oxford Journals (Oxford University Press)*. A partir dos critérios de inclusão, foram encontrados 952 artigos.

A partir da exclusão dos artigos científicos duplicados e da leitura dos títulos e resumos foram selecionados para serem lidos na íntegra 38 textos que estavam alinhados com o objetivo do presente estudo. Para a categorização da análise dos dados, elaborou-se um instrumento de análise (APÊNDICE A) contendo título do artigo, ano de publicação, revista de publicação, autores e principais tópicos.

Ao término da leitura crítica na íntegra dos 38 artigos, foram selecionados para este estudo 18 artigos científico alinhados ao objetivo e, que permaneceram como fonte de dados para o presente estudo, conforme observa-se na figura 01 abaixo:

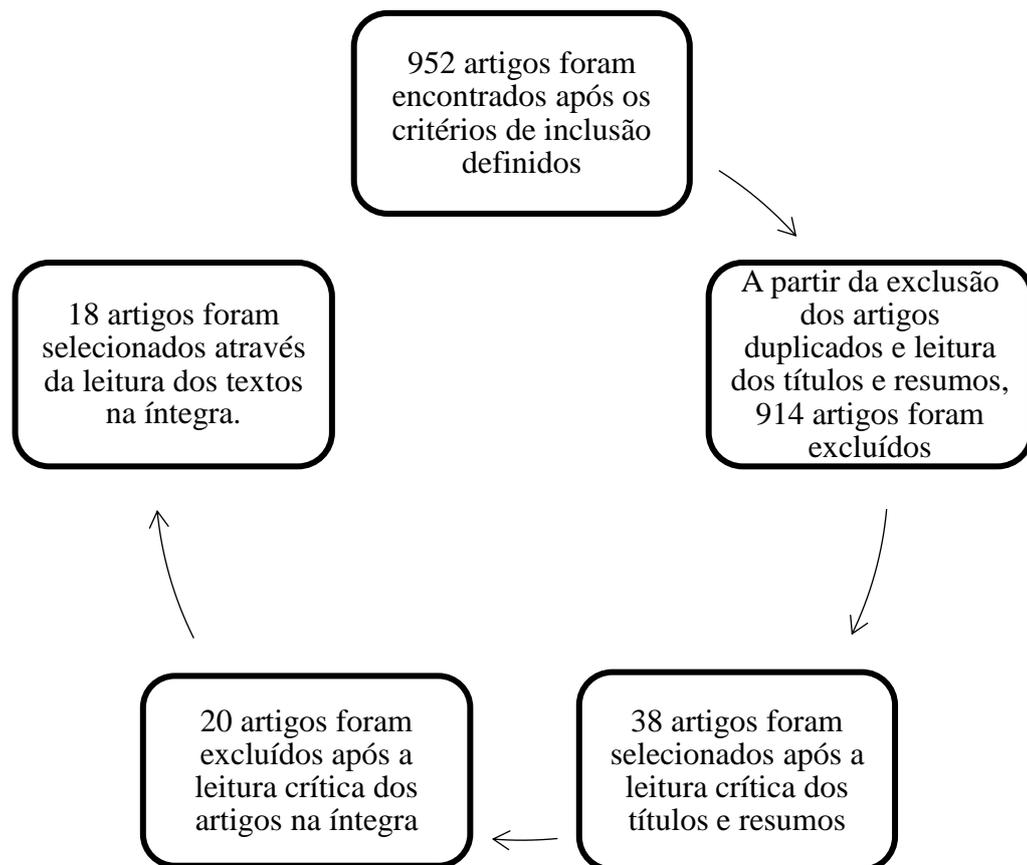


Figura 01: Seleção dos artigos.

Fonte: Elaborado pela autora

3.5 PRECEITOS ÉTICOS

Toda a elaboração deste trabalho será devidamente referenciada conforme normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para compor os resultados e discussões desta pesquisa, foram utilizados 18 artigos, conforme estão demonstrados no quadro abaixo:

Nº	Título do artigo	Autores/Ano
01	Development, Theoretical Framework, and Outcome Evaluation from Implementation of a Parent and Teacher-Delivered Adolescent Intervention on Adolescent Vaccination	GARGANO, Lisa M et al. (2014).
02	Attitudes, Knowledge and Factors Associated with Human Papillomavirus (HPV) Vaccine Uptake in Adolescent Girls and Young Women in Victoria, Australia	TUNG, Iris L.Y; MACHALEK, Dorothy A; GARLAND, Suzanne M (2016).
03	Human papillomavirus (HPV) vaccine knowledge, attitudes, and uptake in college students: Implications from the Precaution Adoption Process Model	BARNARD, Marie et al. (2017).
04	Human Papilloma Virus infection in sexually active adolescent girls	MICHALA, Lina et al. (2012).
05	School-based intervention for the prevention of HPV among adolescents: a cluster randomised controlled study	GRANDAHL, Maria et al. (2016).
06	Knowledge of human papillomavirus infection and its prevention among adolescents and parents in the greater Milan area, Northern Italy	PELUCCHI, Claudio et al. (2010).
07	Percepções de adolescentes grávidas sobre o Papilomavírus humano: um estudo exploratório.	COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus et al. (2014).
08	Knowledge, attitude and uptake of human papillomavirus vaccination among female undergraduates in Lagos State, Nigeria	OLUWOLE, Esther O et al. (2019).

09	Analyzing Awareness on Risk Factors, Barriers and Prevention of Cervical Cancer among Pairs of Nepali High School Students and Their Mothers	POUDEL, Kritika; SUMI, Naomi (2019).
10	Understanding attitudes toward adolescent vaccination and the decision-making dynamic among adolescents, parents and providers	GOWDA, Charitha et al. (2012).
11	Perceived Risk of Human Papillomavirus Infection and Cervical Cancer among Adolescent Women in Taiwan	LIN, Yi-Jung; FAN, Lir-Wan; TU, Yu-Ching (2016).
12	Knowledge and Behavior of University Students toward Human Papillomavirus and Vaccination	CINAR, Ilgun Ozen et al. (2019).
13	Knowledge of Pregnant Adolescents about Human Papillomavirus	TANAKA, Erika Zambrano et al. (2019).
14	Awareness of human papillomavirus and factors associated with intention to obtain HPV vaccination among Korean youth: quasi experimental study	KIM, Hae Won (2015).
15	HPV Misconceptions Among College Students: The Role of Health Literacy	ALBRIGHT, Amy E; ALLEN, Rebecca S (2018).
16	Nationwide Survey of Knowledge and Health Beliefs regarding Human Papillomavirus among HPV-Vaccinated Female Students in Malaysia	WONG, Li Ping et al. (2016).
17	HPV vaccination and sexual health in France: Empowering girls to decide	LEFEVRE, Hervé et al. (2019).
18	Teenagers' knowledge about HPV infection and HPV vaccination in the first year of the public vaccination programme	SOPRACORDEVOLLE, F. et al. (2012).

Quadro 02: Título e autores dos artigos utilizados no estudo.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da leitura dos 18 artigos, os dados foram agrupados por categorias, conforme a análise temática de Bardin, que é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”

(BARDIN, 1997, p. 31), que busca organizar de forma sistematizada o conteúdo estudado, para não perder a heterogeneidade de seu objeto de estudo.

A técnica de Bardin inclui três fases de análise de conteúdo, sendo pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 2011; SILVA; FOSSÁ, 2015).

A primeira fase consiste na pré-análise que é a organização propriamente dita. Ela organiza todo o material a ser analisado, buscando torná-lo mais operacional, estruturando as ideias iniciais. "Esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final" (BARDIN, 1997, p. 95).

A segunda fase é a exploração do material, que consiste em criar categorias por meio de sistemas de codificação e identificação das unidades de registro e de significação, visando a categorização e contagem de frequência. Esta fase expressa-se em interpretar o conteúdo, além de possibilitar a descrição analítica que diz respeito ao material coletado (BARDIN, 2011; GRZYBOVSKI e MOZZATO, 2011).

Portanto, "a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase" (BARDIN, 2006 apud GRZYBOVSKI e MOZZATO, 2011 p. 735).

A terceira fase é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que consiste em resumir as informações, buscando alcançar as interpretações concretas; nesta fase é necessário ser reflexivo e crítico acerca do que foi coletado nos momentos anteriores. É nela que os "resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de validação" (BARDIN, 1997, p. 101; GRZYBOVSKI e MOZZATO, 2011).

5 RESULTADOS

De acordo com a análise dos dados, por meio da temática de Bardin, foi possível inferir três categorias, sendo elas: Adolescentes apresentam dúvidas acerca do HPV; Reconhecendo a vacina como forma de prevenção; Aspectos emocionais e culturais acerca da vacina do HPV.

5.1 ADOLESCENTES APRESENTAM DÚVIDAS ACERCA DO HPV

Conforme estudos de Oluwole et al. (2019); Lin; Fan; Tu (2016); Tanaka et al. (2019); Wong et al. (2016); Barnard et al. (2017); Costa et al. (2014); Cinar et al. (2019) o HPV é uma doença pouco conhecida pelos adolescentes e que por esse motivo pode gerar dúvidas. Alguns consideram que apenas mulheres podem contrair este vírus, afinal, é uma doença que atinge somente o sexo feminino. Outros acreditam que o uso de contraceptivos orais previne IST's, em particular o HPV. Além disso, os adolescentes não sabem qual a forma de transmissão, prevenção e sintomatologia do HPV, necessitando assim buscar conhecimento, através de programas educacionais, campanhas e atividades educacionais em saúde nas escolas, buscando informações com os professores e profissionais da saúde, e até mesmo no próprio lar, investigando mais sobre o assunto.

Já os estudos de Tung; Machalek; Garland (2016); Michala et al. (2012); Grandahl et al. (2016); Costa et al. (2014); Poudel; Sumi (2019); Albright; Allen (2018); Sopracordevole et al. (2012), evidenciam que os adolescentes reconhecem que o HPV é uma doença que afeta tanto mulheres quanto homens e que pode ser transmitido através da relação sexual, podendo causar feridas e verrugas genitais e, caso não for tratada pode evoluir para câncer. Os adolescentes, participantes destes estudos destacaram ainda que o início da atividade sexual precoce aumenta o risco de contrair o HPV. Sendo assim, relataram que para a prevenção contra o HPV é necessário além da vacina, da consulta ginecológica e do exame do Papanicolau, é importante possuir parceiro sexual fixo, ter uma boa higiene e alimentar-se de forma saudável, além de utilizar em todas as suas relações sexuais preservativos, pois eles podem proteger contra IST, assim como o HPV.

Wong et al. (2016), em seu estudo desenvolvido em 32 escolas da Malásia com adolescentes de idade média de 14 anos, cujos pais eram em sua maioria desempregados, donos de casa ou assalariados, demonstram que os adolescentes possuem pouco ou nenhum conhecimento acerca do vírus do HPV, estando propensos a contraírem o mesmo, afinal, poucos

deles são vacinados ou reconhecem o que é a vacina, quais os métodos de prevenção e até mesmo o que é o HPV.

O estudo ainda aponta que as adolescentes possuem pouco conhecimento sobre o que é o HPV, pois muitas delas afirmam que este vírus é contraído apenas por mulheres e sequer sabem o que são verrugas genitais. As entrevistadas discordam que a vacinação em meninos contra o HPV pode ser eficaz e proteger durante as relações sexuais e que a vacinação não elimina a necessidade de realizar o exame do Papanicolau. De fato, este estudo mostra que muitas vezes a falta de conhecimento acerca do HPV, das formas de prevenção e contaminação, está diretamente ligada com a baixa renda familiar, pois as adolescentes apresentam um profundo déficit de conhecimento acerca do HPV (WONG et al., 2016).

No entanto, estudo de Sopracordevole et al. (2012) desenvolvido na Itália, com adolescentes de idade média de 15 anos, estudantes do ensino médio da escola Autoridades, relatou que os adolescentes reconhecem as vias de transmissão do HPV, sendo contato pele a pele ou com mucosas infectadas, além da transmissão poder ser através de vasos sanitários em banheiros públicos, toalhas, roupas íntimas de pessoas que possuem o vírus. Destaca ainda que as adolescentes entrevistadas eram cientes de que o HPV está diretamente relacionado a tumores cervicais, tumores penianos e verrugas genitais.

O autor enfatiza que as adolescentes que participaram do estudo, reconhecem os fatores de risco para lesões relacionado ao HPV e também as formas de prevenção contra o vírus, sendo mencionadas as seguintes: preservativos, tanto masculino quanto feminino, parceiro sexual fixo, utilizar roupa íntima e toalhas de forma individualizada e se vacinar. Neste estudo, os estudantes possuíam conhecimento adequado acerca do HPV, incluindo os métodos de prevenção e de transmissão (SOPRACORDEVOLE et al., 2012).

5.2 RECONHECENDO A VACINA COMO FORMA DE PREVENÇÃO

Os artigos têm evidenciado por meio de suas publicações que a vacina contra o HPV é a forma mais eficaz e por vezes, o único meio para prevenção. Destacam ainda que os adolescentes acreditam que ao serem vacinados podem proteger outras pessoas e evitar que adoçam. Acreditam que a vacina contra o HPV protege contra o câncer cervical e verrugas genitais e que deve ser dada antes do início da vida sexual (GARGANO et al., 2014; TUNG; GARLAND; MACHALEK; TUNG, 2016; PELUCCHI et al., 2010; FAN; LIN; TU, 2016; ALBRIGHT e ALLEN, 2018; SOPRACORDEVOLE et al., 2012).

Estudo de Pelucchi et al. (2010) do tipo transversal realizado com adolescentes de classe média alta do ensino médio de uma escola em Milão, norte da Itália, com média de idade de 16 anos, cujo objetivo era analisar os conhecimentos das adolescentes em relação ao HPV e a vacina contra o HPV, evidenciou que os adolescentes em sua maioria, eram favoráveis a vacina e que seus pais apoiaram a decisão de serem vacinadas. Tal fato se dá porque muitas delas já possuíam namorados ou já tiveram relação sexual desprotegida. Além disso, destaca-se que as adolescentes compreendem a importância da vacina contra o HPV, mas não excluem o fato de que necessitam realizar periodicamente o exame do Papanicolau e usar preservativos durante as relações sexuais, afinal não somente a vacina evita o contato com o vírus.

Somado a isto, Albright e Allen (2018) destacaram em seu estudo realizado no Sudeste dos EUA com adolescentes, que a maioria dos pesquisados compreendia que os benefícios da vacina contra o HPV incluem, principalmente, combater alguns tipos de HPV em específico e sentem-se protegidas contra o vírus. Além disso, destacam ainda que as adolescentes entrevistadas que ainda não possuíam as três doses da vacina, demonstraram interesse, pois iriam sentir-se mais seguras e protegidas.

Com isso, as autoras supracitadas, ressaltaram a importância da alfabetização em saúde, pois as adolescentes necessitam compreender mais sobre o HPV, doença que atinge tanto mulheres, quanto homens. Por isso, a educação na escola e em casa é fundamental para que as jovens possam ser vacinadas com a idade adequada, tendo apoio e autorização dos pais ou responsáveis legais (ALBRIGHT e ALLEN, 2018).

5.3 ASPECTOS EMOCIONAIS E CULTURAIS ACERCA DA VACINA DO HPV

De acordo com os estudos de Gargano et al. (2014); Tung; Garland; Machalek (2016); Michala et al. (2012); Oluwole et al. (2019); Gowda et al. (2012); Cinar et al. (2019); Kim (2015); Wong et al. (2016); Lefevre et al. (2019), a vacina contra o HPV ainda é um assunto pouco conhecido pelos adolescentes, isso porque, muitas vezes, este assunto acaba sendo pouco comentado e divulgado para o público em questão, o que pode implicar em dúvidas e até mesmo distorções sobre o assunto. Os autores relataram em seus estudos que os adolescentes gostariam de saber mais acerca da vacina contra o HPV, levando em conta os efeitos colaterais que esta vacina pode trazer. Os participantes deixam claro que muitas vezes acabam não sendo vacinados porque os pais se preocupam muito com a segurança da vacina e que ela pode estar induzindo a uma vida sexual ativa. Outro ponto importante neste contexto é que os adolescentes

desconhecem qual a via de administração da vacina, quantas doses são necessárias e até mesmo para que serve a vacina, além de preocupações com a dor que a vacina pode ocasionar durante sua aplicação. Ainda, os autores destacam que os adolescentes desconhecem que a vacina contra o HPV não elimina a necessidade do exame Papanicolau, deixando evidente que estes adolescentes possuem pouco ou quase nada de informações acerca da vacina contra o HPV.

Entre os artigos analisados, destaca-se o estudo fenomenológico de Lefere et al. (2019), realizado na França, com adolescentes entre 11 e 19 anos. Neste estudo, o autor destaca que a vacinação contra o HPV ainda é um assunto que gera muitas discussões e dúvidas entre as adolescentes, afinal elas enfrentam o julgamento da sociedade em que a vacina está ligada com a atividade sexual ativa. Além disso, o autor destaca que as entrevistadas possuem medo da vacina, da injeção e principalmente dos efeitos colaterais que elas podem apresentar, não levando em conta os benefícios que a vacina traz aos adolescentes que estão iniciando a vida sexual.

Ainda, o autor destaca que muitas das entrevistadas possuem dificuldade em ser vacinadas contra o HPV, pois seus pais acabam sendo contra, justamente por ser um assunto que é considerado tabu, pois os pais acreditam que ao vacinarem suas filhas, elas estarão prontas para iniciar uma vida sexual, o que pode estar associado ao incentivo da prática sexual. No entanto, as adolescentes afirmam que têm interesse em serem vacinadas, mas pela falta de conhecimento e empoderamento acerca do assunto, não conseguem convencer os pais a autorizarem que sejam vacinadas e, por isso, acabam se mantendo desprotegidas contra o HPV, afinal elas acabam sendo mais sensíveis ao discurso emocional que envolve este assunto, do que o conhecimento racional sobre ele, necessitando ainda da concordância dos pais no que tange a vacinação (LEFERE et al., 2019).

Em relação às dúvidas das adolescentes sobre os efeitos colaterais da vacina contra o HPV, destaca-se o estudo qualitativo realizado em Michigan/EUA, por Gowda et al. (2012), com adolescentes entre 11 e 18 anos de idade. A autora destaca que no que diz respeito a vacinação, existem duas barreiras facilmente identificadas, sendo: os conhecimentos das adolescentes sobre as recomendações e preocupações com a segurança da vacina e a falta de cuidados preventivos de rotina entre as adolescentes. Neste contexto, ressalta-se que em relação às preocupações quanto à segurança da vacina, as adolescentes expressam medo quanto aos efeitos colaterais imediatos da vacina, como a dor no local da injeção, vermelhidão ou inchaço. Tal fato pode estar ligado justamente com a falta de conhecimento e as dúvidas que as adolescentes expressam sobre este assunto.

6 DISCUSSÃO

Como visto no decorrer da pesquisa, o Brasil conta com uma população de mais de 34.157.631 jovens, entre 10 e 19 anos, conforme dados do IBGE/2010, e neste período de adolescência, diversas mudanças ocorrem para o desenvolvimento do ser humano, que envolvem aspectos físicos e psíquicos, fazendo com que, por vezes, estes estejam vulneráveis ao contágio de doenças e infecções, principalmente as IST's, como é o caso do HPV.

O desenvolvimento da sexualidade, faz parte do processo evolutivo do ser humano, de forma que o início da vida sexual ocorre geralmente na adolescência, o que pode trazer maiores riscos, em razão do precário conhecimento em relação as formas de proteção, pois como visto, grande parte dos adolescentes inicia sua vida sexual muito precocemente.

O HPV, Papilomavírus Humano, é um vírus que o principal meio de transmissão é através do contato sexual, e as mulheres são extremamente vulneráveis a ele, uma vez que, como visto, há pelo menos 40 tipos virais de HPV que podem infectar o trato genital e acredita-se que entre 50% e 80% das mulheres, sexualmente ativas, poderão ser infectadas pelo vírus no decorrer de suas vidas. Já em relação aos adolescentes, estima-se que 70% serão infectados pelo vírus (ABREU et al., 2018).

A proteção contra o HPV ocorre através da utilização de métodos protetivos durante o ato sexual, de vacinas e por meio do exame Papanicolau. Ocorre que, de fato, a literatura estudada por meio dos resultados obtidos, aponta que a vacina contra o HPV ainda é considerada um tabu entre os pais das adolescentes, pois eles acreditam que ao ofertarem a vacinação para suas filhas, estarão incentivando-as a iniciarem uma vida sexual ativa.

A prevenção por meio da vacina, é um método muito eficaz, uma vez que, pesquisas apontam uma redução de 66,66% dos casos de câncer cervical, caso fosse feita de forma completa e efetiva na população (ZARDO et al., 2014).

Em relação ao tratamento contra o HPV, foi visto que o mesmo pode ser combatido através do sistema imunológico do paciente, o que ocorre geralmente entre os jovens, eliminando o vírus do organismo. Caso o combate de forma voluntária não ocorra, o paciente pode recorrer ao acompanhamento médico, que fará o tratamento através da aplicação de cremes, lasers, cauterizadores ou pelo congelamento/remoção das verrugas.

O profissional da enfermagem contribui de forma a realizar perspectivas de promoções, prevenções e na recuperação da saúde do paciente, e em relação a prevenção do HPV, fica responsável em elaborar dinâmicas e atividades que possam esclarecer quaisquer dúvidas da

população, além de realizar consultas de enfermagem e coleta de exames, o que facilita o acesso de mulheres e adolescentes aos serviços de saúde, buscando a prevenção e a manutenção da qualidade de vida de todos.

A partir disso, o presente trabalho obteve três categorias de resultado, os quais são: adolescentes apresentam dúvidas acerca do HPV; reconhecendo a vacina como forma de prevenção; e aspectos emocionais e culturais acerca da vacina do HPV.

Em relação a primeira categoria, qual seja, adolescentes apresentam dúvidas acerca do HPV, foi visto que, embora alguns adolescentes conheçam o que é, o que ele causa, as formas de transmissão e tratamento, a doença ainda é pouco conhecida, gerando incertezas quanto a forma de transmissão, prevenção e tratamento.

Nessa perspectiva, Juberg et al. (2015) destacam que os adolescentes ainda carecem informações acerca do HPV, possuindo assim total ignorância neste aspecto, correndo risco desnecessário em relação a gravidade desta doença que pode provocar cânceres. Além disso, fica evidente a necessidade de campanhas educativas, que visem mostrar à população a importância da educação em saúde, para que assim possam adquirir informações e conhecimentos claros, concretos e assertivos acerca desta doença que acomete tanto a população feminina quanto a masculina.

Pinheiro e Cadete (2019) corroboram com essa discussão, deixando claro que os adolescentes, independente da região ou culturas existentes, possuem um nível deficitário de conhecimento acerca do HPV, destacando então, a importância da educação no que tange esse assunto.

Neste contexto, entende-se que os adolescentes ainda carecem de informação no que diz respeito as formas de prevenção contra o HPV, pois, em sua maioria, eles desconhecem o que é o HPV, quais as formas de prevenção, sintomatologia, tratamento e até mesmo as formas de transmissão do vírus, necessitando de intervenção, para assim buscarem mais conhecimento acerca deste vírus, como estar se prevenindo e até mesmo evitando que outras pessoas adoeçam.

A segunda categoria, reconhecendo a vacina como forma de prevenção, demonstrou que a vacina contra o HPV é o meio mais eficaz para a sua prevenção, além de proteger posterior desenvolvimento de câncer cervical e verrugas genitais. Além disso, a vacina traz inúmeros benefícios para o adolescente vacinado, pois nesta fase ela é mais suscetível, favorecendo a proteção contra lesões que podem suceder a câncer uterino.

Para salientar o que foi analisado nos resultados desta pesquisa, Camara et al. (2015) destacam que a vacina é considerada uma das melhores formas de prevenção contra o HPV,

pois além de prevenir verrugas genitais e cânceres, ela pode diminuir a necessidade de utilização de procedimentos caros para um possível tratamento pós infecção, além de trazer benefícios para a vida dos adolescentes e até mesmo salvar vidas.

Somado a isto, Leite e Sousa et al. (2018) afirmam que a vacina contra o HPV é segura e eficaz, oferecendo proteção contra os sorotipos virais específico do HPV. Além disso, acrescenta que a educação em saúde é fundamental para que os adolescentes possam possuir cada vez mais conhecimento acerca das IST's, em especial o HPV, que os cercam, pois, com educação, é possível que futuramente possa diminuir o índice de infectados pelo vírus.

Quando se fala em prevenção contra o HPV, cita-se também métodos contraceptivos, de barreira, como visto nos resultados obtidos desta pesquisa e, para confirmar essa afirmação, Silva et al. (2018) deixam claro que o uso de preservativos para a prevenção contra o HPV não deve ser deixado de lado, pois ele além de prevenir contra o vírus do HPV, também pode previne outras IST's. Além disso, afirma que o preservativo tanto o masculino quanto o feminino, como método de barreira, podem proteger parcialmente da contaminação contra o vírus, possibilitando o contato com partes descobertas que possuem lesões, no entanto ainda é considerado um aliado importante que visa proteger o contágio durante o ato sexual.

Por fim, a terceira categoria, aspectos emocionais e culturais acerca da vacina do HPV, apontou que a utilização da vacina contra o HPV, é um assunto pouco debatido entre a população jovem, uma vez que a divulgação para os mesmos é ineficaz, o que acaba por gerar dúvidas quanto à infecção e suas formas de proteção. E quanto a isto, demonstrou-se que pouca parte dos jovens reconhece a importância da utilização da vacina contra o HPV e possuem o apoio de seus pais para a aplicação da mesma, bem como, muitos não possuíam a vacinação completa, apesar de compreenderem os benefícios da mesma.

Portanto, acredita-se que a vacinação de fato é importante e necessária para a prevenção contra o HPV, no entanto ainda é um descaso perante a saúde dos jovens, pois eles possuem conhecimento deficitário em relação a ela. Por isso, é importante que os pais e/ou responsáveis orientem e apoiem seus filhos para que sejam vacinados, pois os cuidados e orientações de saúde são fundamentais para uma vida saudável no que tange a prevenção contra o HPV (ALMEIDA; BADOTTI; KREUGER, 2018).

Abreu et al. (2018) corroboram com essa afirmação quando enfatizam que os conhecimentos sobre as formas de prevenção contra o HPV ainda são deficitários, pois embora alguns adolescentes reconheçam o que é a doença, não sabem informar como pode ser realizado

a prevenção, o que de fato mostra que intervenções culturais seriam importantes para aumentar o nível de conhecimento acerca desta doença tão importante, que acomete tantas pessoas.

O que mais chama atenção no presente trabalho é a falta de informação pelo público adolescente em relação aos meios de transmissão, prevenção e tratamento do vírus HPV, enfatizando a importância da discussão sobre o tema, de forma a promover debates e intervenções na população de maior vulnerabilidade.

Nesta perspectiva, permitiu-se destacar por meio da teoria do autocuidado de Dorothea, que as adolescentes possuem um déficit acentuado no que tange o autocuidado. Tal afirmação se dá pelo fato de que as adolescentes possuem baixo nível de conhecimento acerca do que é o HPV, as formas de transmissão, prevenção e tratamento; além de possuírem, por serem dependentes de seus pais, instabilidade emocional, necessitando do apoio e aceitação deles para serem vacinadas. Portanto, faz-se necessário ressaltar que, com base em Orem, é importante que os profissionais da saúde, fortaleçam seus vínculos com essas famílias, buscando realizar educação em saúde e apoio-educação, pois através disso, as adolescentes serão capazes de desenvolver por si só o autocuidado (DALMACIO et al., 2019).

Diante do exposto supracitado, entende-se que, com base no aprendizado de Orem, todo e qualquer ser humano, incluindo, neste caso, especialmente as adolescentes, são capazes de desenvolverem o autocuidado, levando em conta que necessitam de instruções e ensinamentos, para que assim possam de fato cuidar de si mesmas. Por isso, Orem era convicta de que, de maneira racional, o indivíduo é capaz de tomar decisões por si só, levando em conta suas principais necessidades, sendo capaz de aprender e posteriormente desenvolver o autocuidado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o longo período de pesquisas realizadas, da leitura de inúmeras obras, levantamentos e análises de dados para a elaboração do referido trabalho, chega-se o momento de finalizá-lo. Com o passar do tempo, a paixão pelo tema abordado foi aumentando gradativamente, proporcionando um sentimento de superação e de dever cumprido. A busca pelo conhecimento a respeito do assunto abordado leva a ver uma dimensão do que o HPV pode cometer se não prevenido antecipadamente ou tratado adequadamente.

Quanto aos resultados obtidos ao analisar diversas obras, mostra que o HPV ainda gera dúvidas aos adolescentes, por ser uma doença pouco conhecida entre o meio social. Porém, também reconhecem que o HPV acomete tantos homens quantos mulheres e, podem ser transmitidos por ato sexual.

Além disso, os conteúdos ora pesquisados, mostram que a vacina contra o HPV é a forma mais eficaz de prevenção. No entanto, ressalta-se o uso de preservativos, tanto masculino quanto o feminino, afinal, não somente a vacina previne, mas ela deve ser utilizada em conjunto com outros métodos, como o preservativo.

Durante a pesquisa, notou-se que o HPV pode acometer qualquer pessoa, sem distinção classe social, de raça, credo ou cor. Quanto à perspectiva da gestão do serviço assistencial do enfermeiro, certamente tem engrandecido o conhecimento, uma vez que o enfermeiro se depara com inúmeros casos relacionados às condições de vida das pessoas.

Portanto, acredita-se que seja necessário realizar campanhas e educação continuada, pois tal doença, se não tratada pode evoluir para cânceres. Por isso, deve-se antes de pensar em tratá-la, buscar ensinar e incentivar a população em relação às formas de prevenção, para que assim possam estar cientes que se prevenir o HPV, não necessitarão tratá-lo.

Por fim, os resultados obtidos neste trabalho, levam ao entendimento de que a população ainda carece de conhecimento acerca do HPV, necessitando então dar continuidade às pesquisas, visando incentivá-las a buscar conhecimentos acerca deste assunto, desta doença que acometem tantas pessoas, sendo capazes de buscar cuidar de si mesmas, através do autocuidado. Portanto, para que se possa fazer algo diferente é necessário colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo, para que eles sejam devidamente utilizados em prol da população.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mery Natali Silva et al. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. *In: Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 849-860, Mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000300849&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 out. 2020.
- ABREU, Nina et al. Quais os diagnósticos mais frequentes na adolescência? A realidade de uma consulta de Medicina do Adolescente. *In: Einstein*. São Paulo. 2018;16(2):1-7.
- ALBRIGHT, Amy E; ALLEN, Rebecca S. HPV Misconceptions Among College Students: The Role of Health Literacy. *In: Journal of Community Health*, jun. 2018.
- ALVES, Camila Aloisio; BRANDAO, Elaine Reis. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. *In: Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 661-670, Abr. 2009.
- ALMEIDA, Renata Barth; BADOTTI, Fernanda Suélly Schuaise; KREUGER, Maria Regina Orofino. Nível de Conhecimento dos Adolescentes das Escolas do Município de Itajaí-SC Sobre o Vírus Papiloma Humano (HPV). *In: Rev. Adol. Confl.* n.17, p. 2-8, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARNARD, Marie et al. Human papillomavirus (HPV) vaccine knowledge, attitudes, and uptake in college students: Implications from the Precaution Adoption Process Model. *In: PLoS ONE* 12(8): e0182266, aug 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0182266>. Acesso em 08 out. 2020.
- BEREK, Jonathan S. Berek e Novak. **Tratado de ginecologia**. Tradução Cláudia Lúcia Caetano de Araújo, Tatiane da Costa Duarte. 15. Ed. [Reimpr.] – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
- BRAGA, Cristiane Giffoni; SILVA, José Vitor da. **Teorias de Enfermagem**. São Paulo, SP: Iátria, 2011.
- BRAS, Filipa; SARDINHA, Rosa; PACHECO, Amália. Modalidades terapêuticas no tratamento dos condilomas acuminados. *In: Acta Obstet Ginecol Port*, Coimbra, v. 9, n. 5, p. 383-392, dez. 2015. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-58302015000400005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 abril 2020.
- BRASIL. **Decreto no 94.406, DE 8 de junho de 1987**. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. Brasília, DF, 08 jun. 1987. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D94406.htm. Acesso em: 06 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Prático sobre o HPV**. 2014. Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/2014/hpv/Guia_perguntas_e_repostas_MS_HP V_profissionais_de_saude.pdf. Acesso em: 03 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informe Técnico Sobre a Vacina Papilomavírus Humano (HPV) Na Atenção Básica**. 2014. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/junho/26/Informe-Tecnico-Introducao-vacina-HPV-18-2-2014.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vacina contra HPV na prevenção de câncer de colo do útero**. 2013. Disponível em: <http://conitec.gov.br/images/Incorporados/VacinaHPV-final.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HPV: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. 2019. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/hpv>. Acesso em: 09 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Prático Sobre Hpv Perguntas e Respostas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cuidando de Adolescentes: Orientações Básicas para a Saúde Sexual e a Saúde Reprodutiva**. 1ª edição – 2016 – versão eletrônica. Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vacina contra HPV na prevenção de câncer de colo do útero**. CONITEC. Brasília, 2013.

BRASIL. Senado Federal. **Muitos pacientes, pouco dinheiro**. 2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/saude/infograficos-da-edicao>. Acesso em: 27 maio 2020.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População**. 2020. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock. Acesso em: 27 maio 2020.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 maio 2020.

CAÇADOR, Beatriz Santana et al. Ser enfermeiro na estratégia de saúde da família: desafios e possibilidades. *In: Rev. Min Enferm*, Belo Horizonte, MG, pp. 612-619, jul. 2015.

CAMARA, Sarita Gonçalves de Campos et al. Vacina contra papilomavírus humano: reflexão sobre a importância e os desafios na vacinação. *In: Revista UNILUS Ensino e Pesquisa*, v. 12, n. 28, jul./set. 2015, ISSN 2318-2083 (eletrônico).

CAMARGOS, Aroldo Fernando. **Ginecologia Ambulatorial: baseadas em evidências científicas: estratégias de ensino**. 3. Ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2016.

CINAR, Ilgun Ozen et al. Knowledge and Behavior of University Students toward Human Papillomavirus and Vaccination. *In: Asia Pac J Oncol Nurs*, 6(3): 300–307, jul - set. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6518985>. Acesso em: 07 out. 2020.

CINTRA, Kássia Mabiane Silva; MOREIRA, Berenice. Diagnósticos de enfermagem embasados na teoria de Orem, direcionados a uma paciente diabética tipo 1. *In: RETEP - Rev. Tendên. da Enferm. Profis.*, 4(4): 853-856, 2012.

COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus et al. Percepções de adolescentes grávidas sobre o Papilomavírus humano: um estudo exploratório. *In: OBNJ - Online Brazilian Journal of Nursing*, 2014, vol. 13, n. 4, pp. 634-644. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3614/361441682016.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

COSTA, Francine Krassota Miranda da et al. Os Desafios Do Enfermeiro Perante a Prevenção do Câncer do Colo do Útero. *In: Revista Gestão & Saúde*. 2017 nov; 17 (Supl 1): 55-62.

COSTA, Larissa Aparecida; GOLDENBERG, Paulete. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. *In: Saude soc.*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 249-261, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000100022&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2020.

CRUZ, Gisele de Castro Varela et al. Construção e validação de uma tecnologia educativa sobre a vacina papilomavírus humano para adolescentes. *In: Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, e20190050, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452019000300209&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2020.

DALMACIO, Nathalia Conceição Gonçalves et al. Percepção da mulher com HPV e seu autocuidado. *In: Rev enferm UFPE on line*. 2019;13:e237305. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.237305>. Acesso em: 29 out. 2020.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. *In: REME – Rev. Min Enferm.* 2014 jan./mar; 18(1): 1-260. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FEBRASGO. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. **HPV**. 2017. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/120-hpv>. Acesso em: 06 abr. 2020.

FELLI, Vanda Elisa Andres; PEDUZZI, Marina. O trabalho gerencial em enfermagem. *In: Gerenciamento em enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, 196 p.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Prevenção e tratamento do HPV**. 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/prevencao-e-tratamento-do-hpv>. Acesso em: 09 abr. 2020.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Quantas doses são necessárias para a imunização contra HPV?**. 2019. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/quantas-doses-sao-necessarias-para-imunizacao-contrahpv>>. Acesso em: 08 dez 2020.

GAMA, Daniely Oliveira Nunes; SILVA, Mabel Magda da; CARVALHO, Raema Neves Cotrim. Papiloma Vírus Humano: Uma abordagem sobre prevenção e assistência. *In: Revista Científica da FASETE*. 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/20/papiloma_virus_humano.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

GARGANO, Lisa M et al. Development, Theoretical Framework, and Outcome Evaluation from Implementation of a Parent and Teacher-Delivered Adolescent Intervention on Adolescent Vaccination. *In: Health Promot Pract*, 15(4): 556–567. jul. 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5506681>. Acesso em: 08 out. 2020.

GONÇALVES, Helen et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *In: Rev Bras Epidemiol*. jan-mar 2015; 18(1): 1-18. Disponível em: 10.1590/1980-5497201500010003. Acesso em: 07 abr. 2020.

GOWDA, Charitha et al. Understanding attitudes toward adolescent vaccination and the decision-making dynamic among adolescents, parents and providers. *In: BMC Public Health*, 12: 509, jul. 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3406969>. Acesso em: 07 out. 2020.

GRANDAHL, Maria et al. School-based intervention for the prevention of HPV among adolescents: a cluster randomised controlled study. *In: BMJ Open*, 6:e009875. 2016. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/6/1/e009875>. Acesso em: 08 out. 2020.

HERNANDEZ, Ydalsys Naranjo; PACHECO, José Alejandro Concepcion; LARREYNAGA, Miriam Rodriguez. La teoría Déficit de autocuidado: Dorothea Elizabeth Orem. *In: Gac Méd Espirit, Sancti Spiritus*, v. 19, n. 3, p. 89-100, dez. 2017. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1608-89212017000300009&lng=es&nrm=iso. Acesso em 30 out. 2020.

JUBERG, Claudia et al. Conhecimento sobre o HPV entre adolescentes durante a campanha de vacinação. *In: Adolesc Saude*, Vol. 12 n. 4, p. 29 - 36. Out/Dez. 2015. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=532. Acesso em: 28 out. 2020

KIM, Hae Won. Awareness of human papillomavirus and factors associated with intention to obtain HPV vaccination among Korean youth: quasi experimental study. *In: BMC Int Health Hum Rights*. v.15, fev. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4339239>. Acesso em: 07 out. 2020.

LEFEVRE, Hervé et al. HPV vaccination and sexual health in France: Empowering girls to decide. *In: Vaccine - Journal*, v. 37, ed. 13, p. 1792-1798, mar. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X19302154>. Acesso em: 05 out. 2020.

LEITE e SOUSA, Priscila Dantas et al. Conhecimento e aceitabilidade da vacina para o HPV entre adolescentes, pais e profissionais de saúde: elaboração de constructo para coleta e

composição de banco de dados. *In: J. Hum. Growth Dev.* São Paulo, v. 28, n. 1, p. 58-68, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822018000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2020.

LETO, Maria das Graças Pereira et al. Infecção pelo papilomavírus humano: etiopatogenia, biologia molecular e manifestações clínicas. *In: An. Bras. Dermatol.* Rio de Janeiro, v. 86, n. 2, p. 306-317.

LIN, Yi-Jung; FAN, Lir-Wan; TU, Yu-Ching. Perceived Risk of Human Papillomavirus Infection and Cervical Cancer among Adolescent Women in Taiwan. *In: Asian Nursing Research*, v. 10, ed. 1, p. 45-50, mar. 2016. Disponível em: [https://www.asian-nursingresearch.com/article/S1976-1317\(16\)00002-5/fulltext](https://www.asian-nursingresearch.com/article/S1976-1317(16)00002-5/fulltext). Acesso em: 06 out. 2020.

MANOEL, André Luciano et al. Avaliação do conhecimento sobre o vírus do papiloma humano (HPV) e sua vacinação entre agentes comunitários de saúde na cidade de Tubarão, Santa Catarina, em 2014. *In: Epidemiologia e Serviços de Saúde* [online]. 2017, v. 26, n. 2. p. 399-404. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000200017>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MCEWEN, Melanie & WILLS, Evelyn. **Bases teóricas para enfermagem**, 2ª ed. São Paulo, Brasil: Artmed. 2009.

MICHALA, Lina et al. Human Papilloma Virus infection in sexually active adolescent girls. *In: Gynecologic Oncology*, p. 207 - 210, abr. 2012. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0182266>. Acesso em: 08 out. 2020.

MOURA, Lívia de Lima. **Cobertura vacinal contra o Papilomavírus Humano (HPV) em meninas e adolescentes no Brasil: análise por coortes de nascimentos**. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOCKI, Denize. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *In: RAC*, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, jul./ago. 2011.

NAKAGAWA, Janete Tamani Tomiyoshi; SCHIRMER, Janine; BARBIERI, Márcia. Vírus HPV e câncer de colo de útero. *In: Rev. bras. Enferm.* Brasília, v. 63, n. 2, p. 307-311, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000200021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 mai. 2020.

OKAMOTO, Cristina Terumi et al. Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção. *In: Rev. bras. educ. med.* Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 611-620, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400611&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 mai. 2020.

OLIVEIRA-CAMPOS, Maryane et al. Impacto dos fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis na qualidade de vida. *In: Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 873-882, mar. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2020.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes. **O Adolescente em Desenvolvimento e a Contemporaneidade**. 2017. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094551-001.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

OLUWOLE, Esther O et al. Knowledge, attitude and uptake of human papillomavirus vaccination among female undergraduates in Lagos State, Nigeria. *In: Journal of Family Medicine and Primary Care*, 8 (11): 3627–3633, nov. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6881959/?report=printable>. Acesso em: 07 out. 2020.

PELUCCHI, Claudio et al. Knowledge of human papillomavirus infection and its prevention among adolescents and parents in the greater Milan area, Northern Italy. *In: BMC Public Health*, 10: 378, jun 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2901377/>. Acesso em: 06 out. 2020.

PINHEIRO, Polliana Lúcio Lacerda; CADETE, Matilde Meire Miranda. O conhecimento dos adolescentes escolarizados sobre o papiloma vírus humano: revisão integrativa. *In: Enfermería Global*, nº 56, out 2020.

POUDEL, Kritika; SUMI, Naomi. Analyzing Awareness on Risk Factors, Barriers and Prevention of Cervical Cancer among Pairs of Nepali High School Students and Their Mothers. *In: Int J Environ Res Public Health*, v.16(22), nov. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6888144/>. Acesso em: 06 out 2020.

QUEIROS, Paulo Joaquim Pina; VIDINHA, Telma Sofia dos Santos; FILHO, António José de Almeida. Autocuidado: o contributo teórico de Orem para a disciplina e profissão de Enfermagem. *Rev. Enf. Ref.*, Coimbra. v. 4, n. 3, p. 157-164, dez. 2014. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832014000300018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2020.

REIS, Rosana Maria dos. **Ginecologia da infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SANTOS, José Gilmar Costa; DIAS, Julia Maria Gonçalves. Vacinação pública contra o papilomavirus humano no Brasil. *In: Rev. Med Minas Gerais*. 2018; 28: e-1958. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20180048>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SASAKI, Reinaldo Satoru Azevedo et al. Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. *In: Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 95-104, Jan. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000100095&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Reflexões Sobre a Saúde do Adolescente Brasileiro. *In: Psicologia, Saúde & Doenças*, 2015, 16(2), 217-229. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15309/15psd160208>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *In: Qualit@s Revista Eletrônica* ISSN 1677 4280 Vol.17. Nº 1, 2015.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. *In: Rev Pan-Amaz Saude*, Ananindeua, v. 6, n. 3, p. 27-34, set. 2015. Disponível em http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232015000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09 abr. 2020.

SILVA, Manoel Carlos Neri da; MACHADO, Maria Helena. Sistema de Saúde e Trabalho: desafios para a Enfermagem no Brasil. *In: Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 7-13, jan. 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 maio 2020.

SILVA, Priscila Mendonça Carneiro da et al. Conhecimento e atitudes sobre o Papilomavírus humano e a vacinação. *In: Esc Anna Nery*, ;22(2):e20170390, mar. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt_1414-8145-ean-22-02-e20170390.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

SOPRACORDEVOLLE, F. et al. Teenagers' knowledge about HPV infection and HPV vaccination in the first year of the public vaccination programme. *In: Eur J Clin Microbiol Infect Dis*, 31:2319–2325, mar. 2012.

SOUSA, Graciene Pereira de et al. Aspectos clínicos e epidemiológicos da infecção genital pelo papilomavírus humano em gestantes do município de Imperatriz, estado do Maranhão, Brasil. *In: Rev Pan-Amaz Saude*, Ananindeua, v. 9, n. 3, p. 31-38, set. 2018. Disponível em http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232018000300031&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2020.

SOUSA, Luís Manuel Mota de et al. A Metodologia de Revisão Integrativa da Literatura Em Enfermagem. *In: Revista Investigação em Enfermagem*. Novembro, 2017: 17-26. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321319742_Metodologia_de_Revisao_Integrativa_da_Literatura_em_Enfermagem. Acesso em: 04 jun. 2020.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *In: Einstein*. 2010; 8(1 Pt 1):102-6.

STEIN-BACKES, Dirce et al. Significado da prática social do enfermeiro com e a partir do Sistema Único de Saúde brasileiro. *In: Aquichan*, Bogotá, v. 14, n. 4, p. 560-570, Dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972014000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 maio 2020.

TANAKA, Erika Zambrano et al . Knowledge of Pregnant Adolescents about Human Papillomavirus. *In: Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. 291-297, maio

2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032019000500291&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 out. 2020.

TATTI, Silvio Alejandro et al. **Colposcopia e patologias do trato genital inferior** [recurso eletrônico]: vacinação contra o HPV. Tradução de: Daniela Benzano. Porto Alegre: Artmed, 2010.

TEIXEIRA, Lisiane et al. Prevalência dos tipos de Papilomavírus Humano em mulheres atendidas em um Hospital Universitário no Sul do Brasil. *In: Medicina*, Ribeirão Preto, 2016;49(2): 116-123. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/118395/115949>. Acesso em: 06 abr. 2020.

TUNG, Iris L.Y; MACHALEK, Dorothy A; GARLAND, Suzanne M. Attitudes, Knowledge and Factors Associated with Human Papillomavirus (HPV) Vaccine Uptake in Adolescent Girls and Young Women in Victoria, Australia. *In: PLoS ONE* 11(8): e0161846. 2016. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0161846#sec005>. Acesso em: 08 out. 2020.

URSI, Elizabeth Silva. **Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura.** (Dissertação) Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2005.

VIEGAS, Selma Maria da Fonseca et al. Preciso mesmo tomar vacina? Informação e conhecimento de adolescentes sobre as vacinas. *In: av.enferm.*, Bogotá, v. 37, n. 2, p. 217-226, Ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002019000200217&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2020.

VITOR, Allyne Fortes. **Revisão do resultado de enfermagem comportamento de prevenção de quedas: análise de conceito e validação por especialistas.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2010.

WONG, Li Ping et al. Nationwide Survey of Knowledge and Health Beliefs regarding Human Papillomavirus among HPV-Vaccinated Female Students in Malaysia. *In: PLoS ONE* 11 (9): e0163156, set. 2016. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0163156>. Acesso em: 05 out. 2020.

ZARDO, Geisa Picksius et al. Vacina como agente de imunização contra o HPV. *In: Ciênc. Saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 9, p. 3799-3808, Set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000903799&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2020.

APÊNDICE

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice A – Instrumento de Análise.....	52
---	----

APÊNDICE A: Instrumento de análise

Nº	Ano de publicação	Revista de publicação	Autores	Principais tópicos
01				
02				
03				

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Protocolo de seleção de artigos para revisão integrativa da literatura.....	55
Anexo B – Instrumento de coleta de dados.....	58

Anexo A – Protocolo de seleção de artigos para revisão integrativa da literatura

PROTOCOLO - REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA
Tema: Medidas de prevenção do HPV em adolescentes.
1) Objetivo: Evidenciar segundo a literatura quais são as medidas adotadas pelas adolescentes do sexo feminino na prevenção do HPV.
2) Pergunta Norteadora: Quais são as medidas adotadas pelas adolescentes para a prevenção do HPV?
3) Estratégia para buscar as pesquisas
Bases de dados:
Base de dados 1: <u>Scopus (Elsevier)</u> É uma base de dados com resumos e citações da literatura. Possui ferramentas confiáveis. Seu banco de dados engloba artigos científicos, livros, processos de congressos e publicações do setor (ELSEVIER, 2020).
Base de dados 2: <u>Web of Science</u> É um banco de dados que oferece acesso a bases de dados com citações independentes de editores mais confiáveis do mundo. Nela o conteúdo é exclusivo consistente (CLARIVATE WEB OF SCIENCE, 2020).
Base de dados 3: <u>PMC (PubMed Central)</u> É uma coleção digital que possui arquivos completos gratuitos da área das ciências médicas e biológicas da saúde, da Biblioteca Nacional de Medicina dos Institutos Nacionais de Saúde dos EUA (NCBI).
Base de dados 4: <u>Sage Journals (Sage Publications)</u> É uma editora fundada em 1965 que inclui mais de 1.100 periódicos. Ela é líder de mercado nas categorias do Social Science Citation Index (SAGE PUBLISHING, 2020).
Base de dados 5: <u>Oxford Journals (Oxford University Press)</u> É uma casa editorial, um departamento da Universidade de Oxford, que promove o objetivo de excelência em pesquisa do mundo, publicando mais de 6.000 publicações por ano (OXFORD ACADEMIC, 2020).
Justificativa para as estratégias de busca:

As bases de dados acima foram escolhidas porque apresentam artigos de qualidade, com as melhores bases de dados, além de apresentarem muitos artigos nos idiomas escolhidos e também artigos na íntegra com todo conteúdo necessário para uma busca adequada, visando contemplar o objetivo inicial deste estudo e uma melhor qualidade nas buscas pelos resultados esperados.

Descritores controlados:

Human papillomavirus AND Prevention of diseases AND adolescence.

4) Seleção dos Estudos

Critérios de Inclusão: artigos científicos, disponíveis na íntegra, livres, nos idiomas português, inglês e espanhol, dos últimos 10 anos (2010 a 2020.1).

Critérios de Exclusão: artigos com anos inferiores a 2010; além dos que não tratem de pesquisas originais, os pagos e aqueles que não estiverem disponíveis na íntegra.

5) Estratégia para a coleta de dados dos estudos

Instrumento de coleta de dados construído e validado por URSI (2005), adaptado para a realidade do presente estudo.

6) Sínteses dos dados

- Análise temática de Bardin

É um agrupamento de técnicas de análise que busca organizar de forma sistematizada o conteúdo estudado, para não perder a heterogeneidade de seu objeto de estudo. Ela possui três fases de análise de conteúdo, sendo a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

7) Referências

CLARIVATE WEB OF SCIENCE. **Web of Science**. 2020. Disponível em: <<https://clarivate.com/webofsciencelgroup/solutions/web-of-science/>>. Acesso em: 19 set 2020.

ELSEVIER. **Scopus**. 2020. Disponível em: <<https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/scopus>>. Acesso em: 19 set 2020.

NCBI. **PMC**. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/>>. Acesso em: 19 set 2020.

OXFORD ACADEMIC. **Oxford University Press**. 2020. Disponível em: <<https://academic.oup.com/journals/>>. Acesso em: 19 set 2020.

SAGE PUBLISHING. **Sage Journals**. 2020. Disponível em: <<https://us.sagepub.com/en-us/nam/sage-journals>>. Acesso em: 19 set 2020.

8) Validação externa do protocolo de Revisão Integrativa de Literatura

MSc. Carolina Kahl – enfermeira da Estratégia Saúde da Família do município de Biguaçu,
Santa Catarina.

Fonte: Vitor (2010), adaptado conforme a necessidade do presente estudo.

Anexo B – Instrumento de coleta de dados

Instrumento de coleta de dados		
1. Identificação do Artigo		
Título do Artigo		
Nome do Periódico		
Ano de Publicação		
Idioma		
2. Identificação dos Autores		
Nome do Autor		Titulação:
Nome (s) do (s) Coautor (es)		
3. Características da Pesquisa		
A. Base de dados pesquisadas <input type="checkbox"/> Scopus (Elsevier) <input type="checkbox"/> Science Citation Index Expanded (Web of Science) <input type="checkbox"/> PMC (PubMed Central) <input type="checkbox"/> Social Sciences Citation Index (Web of Science) <input type="checkbox"/> Sage Journals (Sage Publications) <input type="checkbox"/> Oxford Journals (Oxford University Press)	B. Tipo de estudo <input type="checkbox"/> Qualitativo <input type="checkbox"/> Quantitativo <input type="checkbox"/> Quali-quantitativa <input type="checkbox"/> Outro _____	
C. Objetivo do estudo		
D. Critérios de inclusão e exclusão da pesquisa		
E. Resultados		

Fonte: URSI (2005), adaptado conforme a necessidade do presente estudo.